

PERNAMBUCO

“INSISTO

LOGO

EXISTO”

**CLARICE
LISPECTOR**

KARINA FREITAS

COM FRASES APÓCRIFAS COMO ESTA ACIMA, CLARICE LISPECTOR SE TORNOU A MESTRA DAS GRANDES RESPOSTAS, ATÉ POR QUEM NUNCA LEU SUA OBRA

**“LIBERDADE É POUCO.
O QUE DESEJO NÃO
TEM NOME.” (ANÔNIMO)**

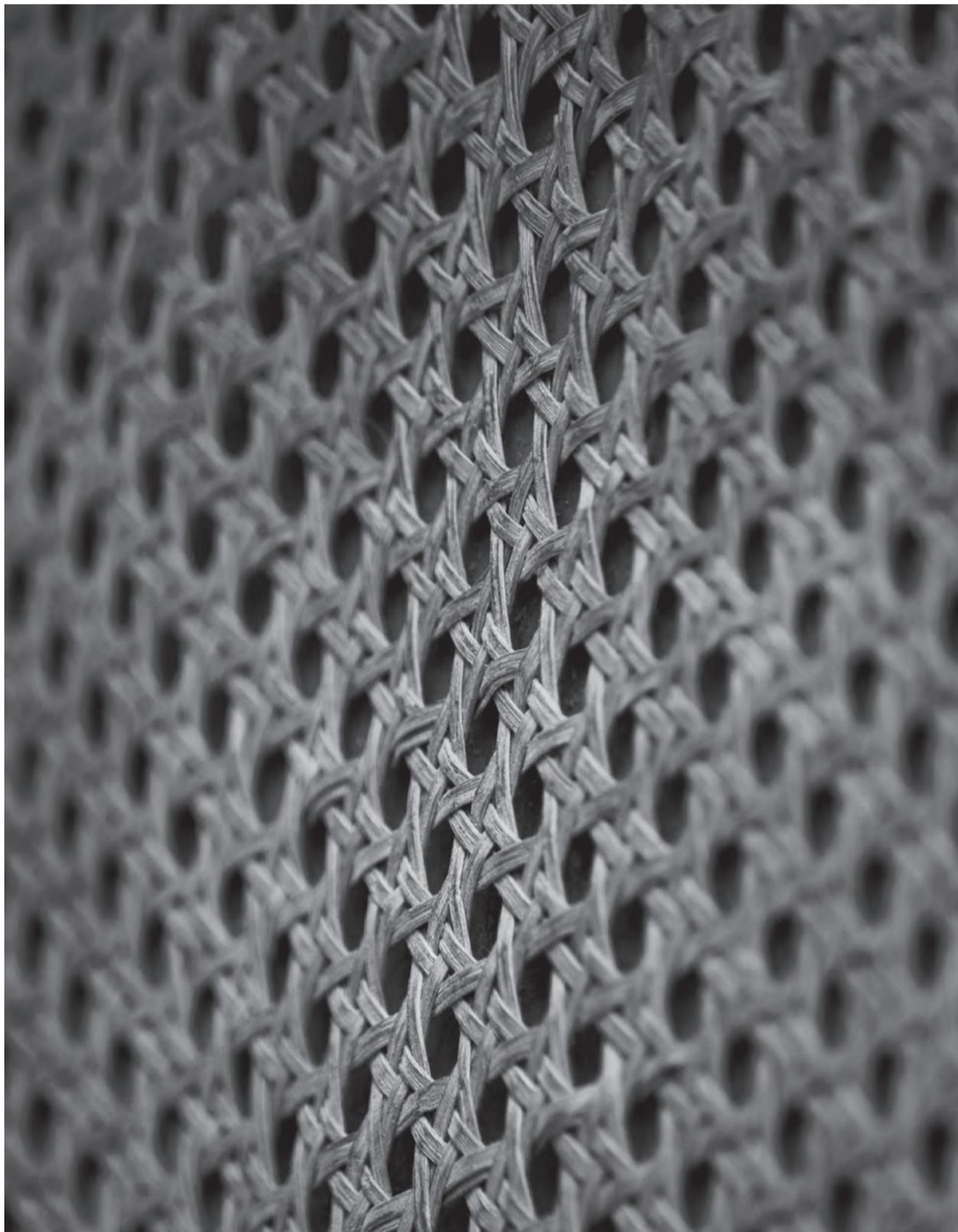
**“BORBOLETA É PÉTALA
QUE VOA” (ANÔNIMO)**

**“O SILÊNCIO É A PROFUNDA
NOITE SECRETA DO MUNDO.”**

ANÔNIMO

INÉDITOS

José Luiz Passos



MADAME GÓES

SOBRE O AUTOR

José Luiz Passos é autor de *Nosso grão mais fino*. Este é um trecho do romance *O sonâmbulo amador*, que ele lança no próximo ano pela Alfaguara.

1. O susto de madame Góes, quando entrou e viu doutor Ênio sentado no canapé de palhinha, os olhos fixos na faixa pintada embaixo da janela, Bem-vindos a Belavista, foi, vendo o médico assim, ela pensar imediatamente no pior. Que o mal da mente vaga tinha voltado e agora ele iria fazer o possível para convencer os vizinhos a abrirem as portas aos turistas e a quem mais quisesse visitar, durante a Quaresma, o casario que vai da ribeira até a clínica, justamente no trecho onde doutor Ênio queria encenar a morte do místico Lantânio.

E ele, rijo no sofazinho de baixo, encastelado na saleta, gozando o perdão do domingo, parecia tão distante, madame Góes disse, os olhos parados no vidro alto e a boca aberta, que ela precisou chamar duas ou três vezes, doutor Ênio, ei, doutor Ênio, até que ele finalmente se virou para a porta e deu com ela de pé, as sacolas balançando nas mãos, as compras murchando e degelando nas bolsas de feira, tudo escolhido e comprado como um favor

que ela prestava à equipe da cozinha, que às vezes se atrasa e pede a quem quer que seja o obséquio de descer até o mercado ou a venda e ir apanhar o que falta para fechar o dia recheando as barrigas dos tantos loucos que há neste mundo, que são muitos e de várias qualidades. Ou, pelo menos, é isso que comentam brincando.

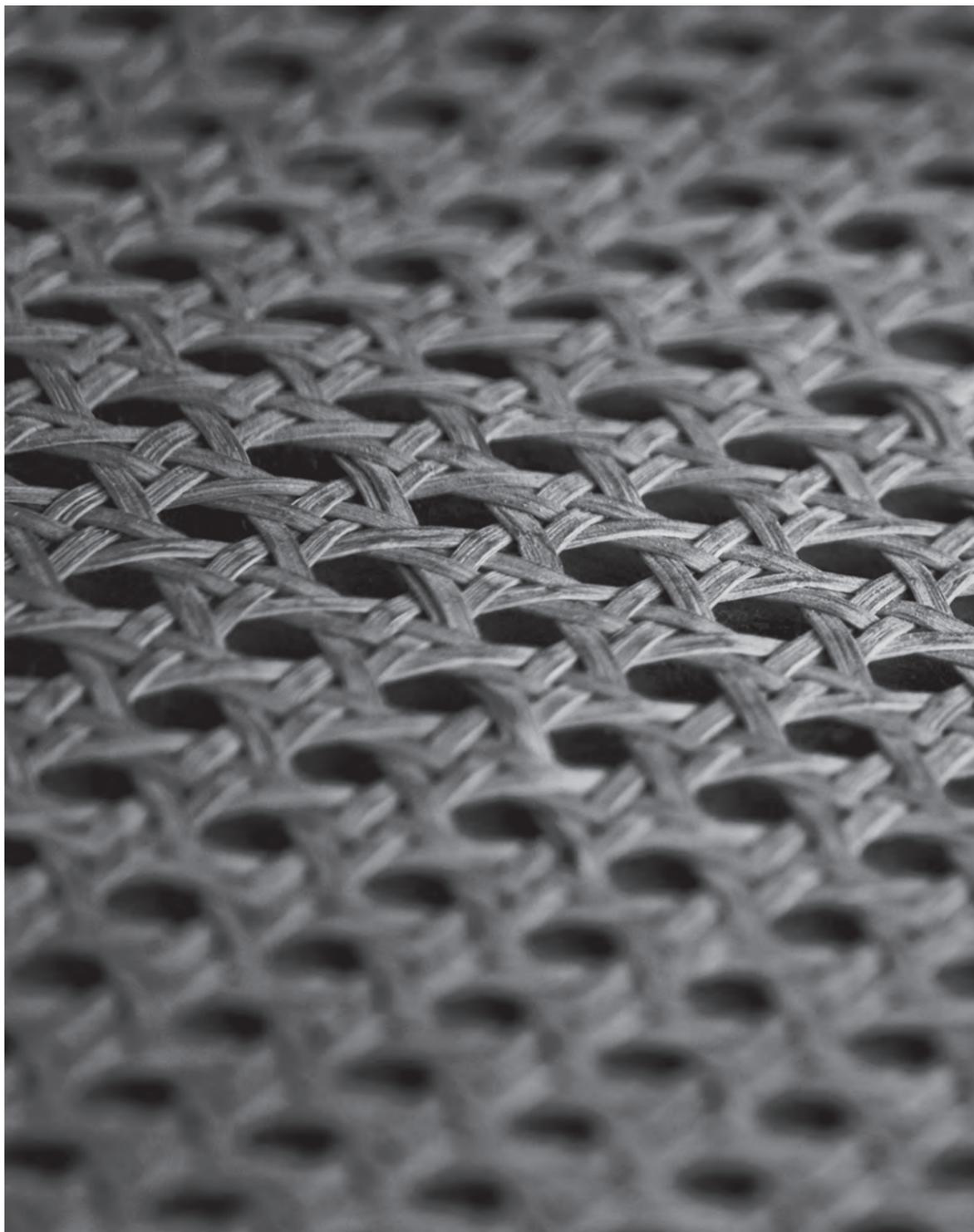
Pois madame Góes, que não se importava em descer, e parece mesmo que não se importa, fez o tal favor, que todos aqui somos irmãos unidos na busca de uma vida livre das amarras do corpo físico e psíquico, ela costuma dizer, e a situação pedia corações abertos, então quem havia de ser ela para negar um pulo no comércio e colaborar na tarefa, ainda mais agora que a clínica acaba de crescer. Pois, relembra desse encargo, porque ninguém mais se dispunha a fazer pelo resto o que ela, sim, faria, inclusive tinha acabado de fazer, madame Góes repetiu de novo, ei, doutor Ênio, ela disse, mais alto, enquanto continuava de pé, imóvel com as compras na soleira da porta. Chamou quase lhe gritando os

nomes todos. Ouviu a própria voz por trás do volume do rádio, no instante em que a transmissão da partida deu uma pausa e dois silvos longos calaram o locutor diante das multidões, e dali o seu chamado soou nu, vacilante, ela admirada com aquilo, o susto que o calibre da voz tinha lhe dado. Como se o nome do médico trouxesse de volta a consciência de um tempo em que ela dava e também levava berros. Mas isso há anos. Um tempo que já deveria estar morto e enterrado. E no eco dessa pausa, madame Góes disse, ela quase pôde ver doutor Ênio se voltando como uma mãe furiosa para lhe responder ao berro, ou então o seu finado marido falando ainda mais alto, não grite comigo, sua vagabunda, está me ouvindo? Mas o médico continuava calado, a boca entreaberta, ele dormitando com os olhos entupidos pela modorra da tardinha.

2. Semanas atrás tinham lhe dito, a ela e também a outros ali presentes, que a última ação movida contra Belavista, a

INÉDITOS

José Luiz Passos



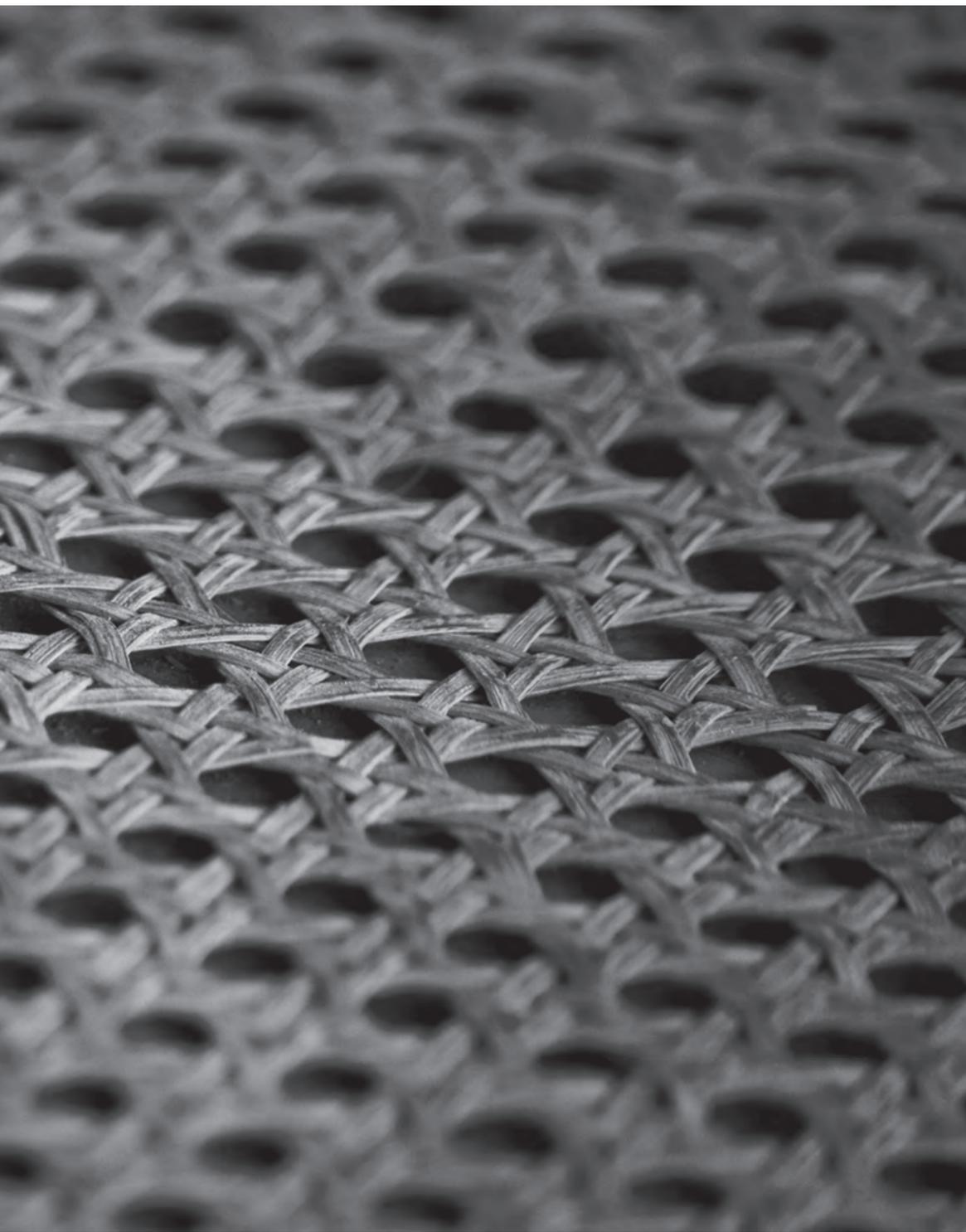
mais longa de todas, iria sair caro. Vai nos custar os olhos da cara, Jurandir. Você nem imagina, ela disse.

Então, os planos que doutor Ênio tinha feito para tirar o forro do teto alto e refazer a fachada original, sem os leques de palma e as conchas brancas com espirais, sem a Diana no beiral e os adereços que escondiam, era o que o próprio doutor Ênio dizia, a moldura da janela colonial, em pedra calcária, enfim, a tal reforma que daria cabo deste bolo confeitado, agora seria uma extravagância. Era, aliás, uma impossibilidade já confirmada em cartório. Na semana da sentença, doutor Ênio vendeu a kombi a fim de pagar as custas do processo. E a Sociedade Espírita, o litigante maior, só não alcançou vitória completa porque um juiz conhecido trocou parte da indenização por serviços à comunidade, fazendo Belavista voltar à prestação de benefícios públicos, mas em regime de ofício sem férias. A clínica vai servir às associações de bairro, grupos escolares e sedes comunitárias na parte alta da cidade. Belavista, navio de doidos. Esta era que tinha sido a pichação em tinta verde, no muro dos fundos, deixada ali meses antes e recentemente invocada pelo defensor dos espíritas. A casa agora se rebaixava para servir aos irmãos das almas.

Madame Góes disse que doutor Ênio ouviu o remate do foro sorrindo largamente. Foi o que garantiram a ela os poucos que viram o médico no dia em que o oficial de justiça veio com a carta. Um grande psiquiatra melando com mãos de manteiga e pão assado a sentença da vara. Aquele enorme desdém dele e, apesar disso, sua obediência a uma lei comprovadamente parcial. A interpretação dessa lei havia resultado num erro crasso. Ou não? Era o que ela queria comentar, e discretamente tinha lhe perguntado a opinião, mas doutor Ênio se virou sem resposta. Já chegou? Eu trouxe o que me pediram da cozinha, ela disse que respondeu. Vá, venha, entre, ele falou.

Então madame Góes entrou com as compras balançando nas mãos. Olhou em redor. O futebol no rádio já tinha voltado àquele ruído livre demais. E quem era que iria imaginar doutor Ênio fazendo questão das partidas da Rádio Clube? Raramente alguém o via assim, sem suas papeletas e os prontuários à mão, sem estar falando aos pacientes e enfermeiros, aos curiosos que apareciam em Belavista e ficavam sondando os costumes da clínica, o dia a dia regido por ele como um maestro rege a sua orquestra, como uma corda espiralada faz o relógio mover os ponteiros e marcar frações bem divididas. Quem nos dera ser como esse homem, o grande mentor que fez da clínica uma boia para aqueles espíritos carentes de um equilíbrio mais fino e que, uma vez admitidos aqui, hão de reatar o senso perfeito das suas faculdades, a consciência de estar no mundo e de ser este mundo, ele próprio, a extensão de outros com os quais há de se debater e, no fim, aceitar.

E, bem a propósito disso, há mais cem anos uma das funções da primeira casa episcopal, esta casa, vejam bem, a nossa casa, doutor Ênio tinha falado, que ele próprio foi o único a defender, era justamente a de dar abrigo ao guarda-livros da municipalidade. Isso após ter sido, ele insistiu, casa episcopal. A antiga Belavista. Não era irônico que agora o sobrado voltasse a prestar auxílio à saúde mental da população em redor? Ah, era. E quem agora entrasse carregada de compras, como madame Góes vinha, com algo a oferecer ou trazendo suas dúvidas, e com isto também tendo o que vir buscar aqui, então que ela receba um cuidado rigoroso, conforme os padrões mais modernos. Mesmo assim, ela pensava, ela depois tinha dito, mesmo considerando o lado positivo do litígio, que foi dotar Belavista novamente de uma missão coletiva, aquela outra metade do montante da ação, a que era devida aos kardecistas por conta



da parede que tiveram escavada, tal parte deveria ser paga em dinheiro. Este é que foi o castigo maior, porque com isso nos cortaram as asas. Uma vez quitada a quantia, que nem era tanta, ela ia ser convertida pelo juiz num fundo de proteção das fachadas. A soma vai cobrir a lavagem dos muros após a pichação que vem com a balbúrdia do carnaval.

Resulta que doutor Ênio foi tolhido e se amofinou sem condições de devolver ao edifício sua feição antiga e abrir no pátio de trás um vão com toldo maior, para o trabalho artístico, que todos queriam tanto. E o pior, não havia mais a kombi para as excursões em grupo nem para se ir às compras. Fomos todos aqui o objeto de um conluio entre vizinhos, madame Góes repetia aos que vinham chegando daqui e dali, pouco a pouco, aos montes. Contava tudo às novíssimas almas-grátis, os que ora traziam consigo uma pecha de origem e eram, em sua maioria, de fora, de muito além da cidade baixa. Chegavam do interior para ganhar essa marca, um selo inventado pelo Ramires, por pertencerem à nova cota imposta pelo juiz amigo.

3.

E eram pequenos bandos de dois ou três ou quatro vindos de Gravatá, de Brejo da Madre de Deus, de Casuarinas, de tantas outras cidadezinhas de que aqui nunca se ouviu falar, ou de que só tinham tido notícia como sendo lugares atrasados, hoje vilas de veraneio, antigos polos de produção de grãos, de cana, de comércio têxtil. E as tais almas-grátis vinham aos poucos chegando acompanhadas de um agente de saúde ou de um policial à paisana, sem mala nem papeleta ou qualquer outra coisa que pudesse dar conta do caso do recém-admitido. Então, quem ia saber qual era o seu mal?

Madame Góes contou que, a princípio, doutor Ênio colocava todos nos quartos de baixo e ia vi-

sitando os grupos no curso das semanas em que a clínica precisou interromper a rotina das entrevistas diárias, com cada qual separadamente, os pagantes nos seus próprios quartos ou no escritório dele. A rotina completamente mudada. E logo a de quem? A de doutor Ênio, que com a paciência perdida acabou delegando aos enfermeiros a triagem das almas-grátis, encaminhando os novatos a leitos duplos ou triplos, fornidos com beliches, de acordo com o tratamento que se imaginava necessário a cada grupo. Essa ajuda que vamos prestar a todos eles será uma prova, doutor Ênio disse aos mais antigos, na ceia, madame Góes lembrou, será parte da sua própria reabilitação, a de cada um de vocês agora depende disso. Assim foi que o imprevisto ficava sendo motor de um salto qualitativo. Era mesmo a promessa deste salto. Um esforço da imaginação individual em prol da melhora coletiva. Um por todos e vamos adiante, ela repetiu, sentada à mesa, e espalhou os braços num gesto grande.

Essa bela máxima, cunhada por alguém daqui, dos mais velhos, na ceia em que doutor Ênio convocou a todos, galvanizou os espíritos, fez com que madame Góes lembrasse das histórias que tinha ouvido de seu falecido. A crônica de uma Europa destroncada pela guerra e as pessoas precisando contar umas com as outras. Os filmes que ela já tinha visto sobre gente dividindo porões e sótãos com os ratos, alguém deixando um pão embrulhado numa toalhinha dentro de uma loca tapada por um tijolo frouxo, o único pão do dia, que salvava o inocente da morte certa. Madame Góes de vez em quando lembrava isso, de ser pior na guerra, quando se morre e a ninguém cabe o abrigo de uma sepultura própria, porque em matéria de sofrimento tudo era uma questão de memória e sempre, sempre e principalmente, da pura e simples comparação.

Pois, lenta e com isso na cabeça, naquela tarde madame Góes devolveu o troco das compras a doutor Ênio e foi em direção à cozinha. Ele não lhe respondeu a pergunta sobre a injustiça da sentença de alguns meses atrás. Não comentava opiniões. Era domingo e ele não estava ali para conversar. Queria só acompanhar a partida, ficar quieto, e era justo. O futebol não era importante, o importante era doutor Ênio descansar e se esquecer do fato, deixar de pensar no foro e se concentrar nas tarefas com as novas almas-grátis, no que fazer delas. Então madame Góes voltou da cozinha com as mãos lavadas, as sacolas de feira dobradas dentro do cesto de palha, embaixo da pia, e começou a subir as escadas até os quartos do primeiro andar. Ia subindo, vinha pisando nos pranchões de madeira, adiante com uma mão pegada ao corrimão e pensando, primeiro, nas bombas caindo sobre populações inteiras durante a última grande guerra, nos muitos que, em consequência disso, eram forçados a se mudarem para abrigos, igrejas e prédios públicos, convivendo com estranhos, trazendo da vida de antes uma única malinha de roupas e às vezes nem isso, trazendo é nada. Só mesmo a roupa do corpo.

E também pensando, ela disse, no que seria feito das reuniões coletivas, da comissão que já tinha sido organizada para a semana de arte em Belavista, logo após o carnaval. A tal peça que doutor Ênio queria montar na calçada da clínica. Agora o que era que ele iria fazer com tanta gente? A maioria não estava preparada para entender aquilo, a morte de Lantânio. Expressar essa angústia na frente dos colegas, dos novatos e dos enfermeiros, gente estranha, era muito difícil. Era difícilíssimo. Iam saber fazer isso? As almas-grátis obviamente não tinham a menor condição.

4.

Assolada pelo fracasso de uma ideia que já havia agradado a tanta gente, madame Góes enfiou pelo corredor do primeiro andar vendo os quartos dos mais antigos, pensando no que era que eles faziam àquela hora, que ela só conseguia ouvir um ruído de rádio transmitindo canções de salão, pedras de dominó de vez em quando batendo no tampo de uma mesa de canto, aqui e acolá o ronco dos mais lentos zunindo junto com os ventiladores de teto. E o que mais podia se esperar de uma hora dessas? Descansar era uma bênção. Domingo é para isso. Que tirassem bom proveito, enquanto ela vinha sozinha com os olhos na última porta à direita, naquele quatinho que só recentemente havia sido ocupado, e lá vinha madame Góes com os pranchões rangendo embaixo das sapatilhas de brim.

Podia até ser que alguém abrisse uma porta para vir lhe dizer qualquer coisa, ouvindo esse cicio de velha. Saber por que tanto movimento logo hoje, se era para eles descenderem ou não. Daí ela iria perguntar, rindo, sem constrangimento nenhum, por que é que vocês não foram comigo me ajudar nas compras? Não teriam resposta, pois a verdade é que ninguém largava da folga. Ela, sim, largaria porque já estava acostumada. Não fazia mal. Era uma distração útil e, com certeza, já tinha sido notada por doutor Ênio, que deve ter percebido o que madame Góes nunca iria lhe dizer da própria boca. Que podia sempre contar com ela, sempre. Que ela não era como o Ramires, escondido pelos cantos para não dar um passo à frente sem antes parar na cozinha e apanhar um copo de refresco ou um cafezinho. Ele, que só fazia o mínimo e era até pago para isso. Ela não, ela ia adiante com as mãos nos bolsos da saia costurados com linha cobalto quase da mesma cor do tecido. A linha que dava a esses bolsos um contorno mínimo, a forma deles de longe se destacando do bojo do pano, o que antes a incomodava tanto e agora, madame Góes via, de cima a baixo, admirada diante do espelho do quarto, ficou bem. Um desgosto que a falta da linha na cor certa lhe causou de início, e atualmente isso já tinha se transformado num quê a mais, numa escolha notada por gente dali e de fora. Era apenas um estilo com o qual ninguém ainda estava acostumado. Então ela parou diante do quarto do canto e, tirando as mãos dos bolsos, bateu com o punho cerrado.

Bateu mas não fui atender. E madame Góes deve ter remoído mais esta derrota de seu domingo, confirmando, com isso, o quanto ela tinha razão sobre os novatos, meu Deus. Pois Jurandir ainda está dormindo uma hora dessas. Como é que pode?